

HOMENS NO MAGISTÉRIO: A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO SUL/AC

Maria Irinilda Bezerra¹, Giane Lucelia Grotti² e Evardson Souza Lima³

Resumo

O magistério no Brasil se constituiu primeiramente como uma profissão marcada pela presença masculina. Porém, tão logo as mulheres adentram nas salas de aula, inicialmente como alunas e, posteriormente como professoras, o magistério se feminizou, a tal ponto que atualmente pode causar certo estranhamento ver homens desempenhando o papel de professor na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, o estudo tem como objetivo conhecer o exercício da profissão docente desenvolvida pelo gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Cruzeiro do Sul no Acre. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Utilizamos como instrumentos de coleta, o questionário semiaberto e o levantamento da quantidade de professores homens lotados nas duas redes de ensino do município de Cruzeiro do Sul. Os dados foram analisados à luz dos autores utilizados no referencial teórico, tais como: Louro, Almeida, Gonçalves, dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam que temos poucos professores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental lotados em escolas de zona urbana, considerando-se a grande proporção de mulheres ocupando estes cargos. Contudo, quando se trata da zona rural, marcada pelo ensino multisseriado, este número se mostra mais equilibrado. Concluímos que os homens que atuam como professores no magistério dos Anos Iniciais no município de Cruzeiro do Sul, embora sejam em número bem reduzido, não evidenciam passar por grandes dificuldades no exercício da docência e se mostram preparados para exercer seu ofício nas etapas de ensino para as quais foram formados.

Palavras-chave: Anos Iniciais; Ensino Fundamental; Homens no magistério.

MEN IN TEACHING: TEACHING IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION IN PUBLIC SCHOOLS IN THE MUNICIPALITY OF CRUZEIRO DO SUL/AC

¹Doutora pelo Programa em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL) da Universidade Federal do Acre (UFAC) e do Curso de Pedagogia da Ufac Campus Floresta.

²Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Adjunta da Universidade Federal do Acre (UFAC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Curso de Pedagogia da Ufac.

³Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre (UFA) Campus Floresta. Professor da rede Estadual de Educação do Acre.



Abstract

The magistry in Brazil was primarily a predominant male profession. But as soon as women stepped into classrooms, initially as students and later as teachers, the magistry was feminized. In fact, nowadays it may cause some strangeness to see men teaching in Kindergarden and Elementary School in initial years. Therefore, the study aims to get to know the profession being carried out by a male gender teacher in the initial years of Cruzeiro do Sul public schools. To this end, it was developed a qualitative and descriptive research. It was used a questionnaire and a survey of how many male teachers were assigned to two schools in Cruzeiro do Sul - AC. The data have been analyzed in the light of authors used in the theoretical framework, such as: Louro (1999), Almeida (1998), Gonçalves (2009), and others. The research results point that there are few male teachers in Elementary School initial years in urban schools, considering the amount of women performing this job. However, when it comes to the rural zone marked by multigrade teaching, the numbers are more equal. We concluded that men who work in the initial years in the magistry of Cruzeiro do Sul schools, though in reduced number, did not show great difficulties while teaching and seemed prepared to perform the work in the learning stages for which they were graduated.

Keywords: Initial years; Elementary School; Men in magistry.

1. Introdução

O magistério, historicamente no Brasil, consolidou-se como uma profissão com características tidas como femininas, entre elas, gostar de criança, ter paciência, delicadeza e aptidões relacionadas à maternidade, como condição natural para desenvolver a educação e o cuidado das crianças. Este processo gerou como consequência o afastamento dos homens do cotidiano das instituições que se dedicavam a escolarização da infância. Embora atualmente verifiquemos a presença massivamente feminina na docência dos anos iniciais, os primeiros mestres das instituições escolares eram homens, em geral religiosos. No Brasil, estes professores foram representados pelos padres jesuítas, ou seja, pelos missionários da Igreja Católica pertencentes à Companhia de Jesus.

Foi somente no final do século XIX, com o processo de urbanização e industrialização, que os homens começaram a abandonar o magistério em busca de melhores oportunidades de trabalho. Novas áreas de mercado se abriram aos homens, com melhores salários e estes se sentiram compelidos a deixar o magistério dos anos iniciais, contribuindo para uma reconfiguração do quadro de profissionais que atuaram nesta função, com a entrada paulatina das mulheres. Assim sendo, a mulher foi ampliando seu espaço no magistério, de forma que, em pouco tempo em praticamente todas as escolas que ofereciam a educação primária, a mulher estava na docência. Temos aqui o início da feminização do magistério.

Atualmente, o magistério dos anos iniciais é uma tarefa notadamente feminina, fazendo com que os homens se sintam impulsionados a buscar outras áreas no mercado de trabalho ou ainda, o magistério em outras etapas e modalidades, tais como: os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio, a Educação Superior e os cargos de gestão escolar.

Dito isto, o objetivo geral desta pesquisa foi conhecer o exercício da profissão docente desenvolvida pelo gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Cruzeiro do Sul no Acre. Partindo deste objetivo, uma questão nos acompanhou, qual seja: Como é o exercício da profissão docente desenvolvida pelo gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Outras questões a partir desta se fizeram presentes, sendo elas: Quais as principais dificuldades e desafios enfrentados pelos professores do gênero masculino no exercício do magistério nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Quais as motivações que levaram estes professores a exercer a profissão nesta etapa de ensino? Como é a relação entre os professores do gênero masculino e a comunidade escolar - alunos, pais, equipe gestora e colegas de trabalho?

Quanto à sua natureza, a pesquisa categorizou-se como uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo. Utilizamos como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, realizada em livros, artigos, teses e monografias que abordam a temática em estudo. Também realizamos uma coleta de dados por meio da pesquisa de campo, realizada na Secretaria Estadual de Educação (SEE), na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) do município de Cruzeiro do Sul no Acre, e em duas escolas públicas, uma da rede estadual e outra municipal. Na pesquisa de campo, além da coleta de informações sobre a lotação, ainda aplicamos questionário semi-aberto. Os sujeitos da pesquisa foram os professores homens de duas escolas selecionadas. Os dados foram interpretados e analisados a luz dos autores utilizados no referencial teórico. Quanto ao aporte teórico, utilizamos as contribuições de Louro (1999), Almeida (1998), Gonçalves (2009), entre outros.

O presente trabalho encontra-se estruturado do seguinte modo: inicialmente *trazemos a Introdução ora apresentada, seguida do Referencial teórico denominada Contextualizando o tema da pesquisa que se divide em dois temas: Breve história da profissão docente; Homens no magistério dos anos iniciais: interações e desencontros do ser homem. Este último apresenta ainda o subitem: Dificuldades, desafios e motivações na atuação profissional dos professores homens no magistério dos anos iniciais. Na sequência, expomos os Materiais e métodos utilizados na pesquisa, seguido da Interpretação e análise dos dados. Para finalizar apresentamos as Considerações finais deste trabalho.*

2. Contextualizando o tema da pesquisa

Desde o período colonial, a Igreja Católica que exerceu forte influência na educação brasileira não via as mulheres como adequadas para ingressar na vida pública, devendo limitar-se a sua “vocação natural” de cuidar e zelar a família e o lar. Ainda assim, pouco a pouco as mulheres foram ganhando espaço



nas escolas, mesmo com uma educação mais inclinada para a vida doméstica e para o desenvolvimento de valores morais e religiosos. O ensino oferecido às mulheres era muito básico, e não objetivava sua independência financeira, social ou familiar. Somente com o passar do tempo, elas foram sendo instruídas a níveis idênticos ao dos homens.

Na década de 1870, no Brasil, as transformações sociais se intensificaram com as reformas na organização da economia e no sistema político, cujo objetivo era alcançar a modernização do país. Nesse contexto econômico e social, a educação feminina passou a ser mais valorizada, bem como foi surgindo à possibilidade da docência ser exercida pelo gênero feminino. Ainda assim, era o lar e o cuidado com os filhos as principais virtudes que as mulheres deveriam possuir. Para as autoridades do país, a principal finalidade da educação da mulher era ainda a maternidade e a vida doméstica, de forma que “a ênfase ficou na maternidade, a qual eles ligaram ao progresso e ao patriotismo. Eles salientaram o poder da mulher para orientar o desenvolvimento moral de seus filhos e a formação de bons cidadãos para a nação” (HAHNER 2011, p. 468). O ideário republicano brasileiro que passou a compreender a mulher como a educadora nata das crianças, na família e na escola, acabou contribuindo para que os homens se afastassem do magistério da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como destacamos anteriormente, a gênese de tal problemática deriva-se do contexto historicamente constituído no Brasil que compreendia a mulher como a educadora natural da infância, contribuindo na construção de concepções estereotipadas a partir do sexo, designando-se assim as profissões supostamente adequadas para homens e mulheres. Na tentativa de entendermos melhor a construção de concepções de gênero referentes às profissões, sobretudo no que diz respeito à docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é que propomos o item a seguir.

2.1 Breve história da profissão docente

Numa sociedade paternalista, o homem sempre foi compreendido como o provedor familiar, isto é, o responsável pelo sustento da casa, dos filhos e da esposa. Logo a incumbência de trabalhar fora do lar era papel do homem, cabendo à mulher cuidar das crianças e da casa. A mulher foi assim restringida ao espaço familiar e, dessa forma, dominou as diversas atividades domésticas como, também, a educação de sua prole. Compreendida como a primeira instrutora dos filhos, ensinou-os a arte de ser homem, numa sociedade que sempre manteve papéis nitidamente definidos para homens e mulheres. Foi então, por meio da educação oferecida pela mulher, que meninos e meninas receberam seus primeiros conhecimentos e valores necessários à vida e ao cumprimento de suas atividades, quase que predeterminadas socialmente.

A concepção de homem foi sendo assim definida, no qual seu papel no lar era totalmente secundário, uma vez que a tarefa de cuidar dos filhos ou dos afazeres domésticos era estritamente feminina, como mencionamos

anteriormente. Como aponta Rosemberg (1996) foram criadas divisões de tarefas de acordo com o gênero e

A partir dessa valorização distinta do masculino e do feminino constrói-se uma hierarquia dos gêneros. A hierarquia dos gêneros conduz ao estabelecimento de relações de dominação/submissão entre o gênero masculino e o feminino, independentemente de qual seja o sexo das pessoas que ocupam os espaços sociais de gênero, nas relações de gênero. A título de exemplo, a prática da enfermagem é uma atividade de gênero feminino e a da medicina de gênero masculino. (ROSEMBERG, 1996, p. 62).

Portanto, podemos dizer que a nossa sociedade está imersa em fatores de gênero, e estes determinam o que é “adequado” ou não para cada sexo, segundo uma formação social historicamente patriarcal. Segundo Louro (1999 p. 54), “o gênero constitui-se, e é constituído, em diversas instituições e práticas sociais, dentre elas a escola”. Na visão desta autora, “as instituições escolares são atravessadas pelos gêneros, ou seja, em sua prática, a escola não somente produz sujeitos como também é produzida por representações de gênero”. Dando continuidade à sua análise sobre as concepções de gênero sedimentadas pelas instituições sociais, Louro (1999) afirma ainda que existem,

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade a escola produz isso. Desde os seus inícios a instituição escolar exerceu uma ação distintiva [...]. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 1999, p. 57).

Consequentemente, temos uma escola que desde a sua gênese, tornou-se especialista em separar/segregar classes, contribuindo assim para uma herança histórica negativa que se faz presente até hoje nos espaços escolares. Um claro exemplo é o abismo existente entre a maior parte das escolas públicas brasileiras frequentadas pelas classes de baixa renda e as escolas privadas, projetadas para as elites que podem pagar por este tipo de ensino. Assim, temos um leque de desigualdades, construídas socialmente e legitimados por meio da escola, que perpassa até os dias atuais.

No século XIX, ocorreu o advento da expansão escolar numa procura social numerosa pela escolarização. Renasceram novas preocupações e críticas com relação à educação e ao ensino, até então desenvolvido. Neste aspecto ocorreu a criação de instituições de formação, das quais se destacaram as escolas normais, instituições que representaram uma conquista importante do professorado e contribuíram para o processo de profissionalização da atividade docente.

Na busca de profissionalização para exercer trabalho remunerado, as mulheres encontraram nas escolas normais oportunidade de estudar e de se formar como professoras primárias. Segundo Bezerra (2010, p. 90-91), “A

formação profissional proporcionada por essas escolas teve papel fundamental na luta das mulheres pela ascensão social e pela autonomia econômica por meio do “acesso ao trabalho digno e remunerado” e “[...] assim o ensino normal atravessou a Primeira República e chegou aos anos 1940 e 1950 como a instituição pública legítima no que diz respeito à formação dos quadros docentes do país”.

Com a entrada de muitas mulheres no ensino primário nos anos de 1940, designou-se uma divisão das funções entre homens e mulheres. As mulheres vão se tornando maioria no exercício da profissão docente, enquanto os homens vão ocupando os postos superiores na hierarquia burocrática. Entre outros fatores, o crescente desprestígio da profissão docente e os baixos salários explica a evasão dos homens do magistério. Para que o magistério fosse visto como uma opção de prestígio para a mulher, iniciou-se um movimento de transformação no olhar desta profissão, que passa a ser considerada como uma opção de doação e amor; como uma atividade que exigia entrega, aproximando-se dos instintos naturais da maternidade.

Mas este sentimento, de que a mulher poderia conciliar as duas funções, teve seu início no final do século XIX e início do século XX quando o Brasil passou por várias transformações sociais e políticas, culminando na proclamação da República no ano de 1889. Logo de início, o novo regime tratou de incentivar a escolarização das massas populares e a defender o discurso de que a infância aprende melhor se educada com ternura e amor e ninguém melhor para exercer tal tarefa do que as mulheres que são dóceis e pacientes por natureza. Assim, as mulheres passaram a exercer profissão remunerada e a contribuir com a manutenção e o sustento do lar.

A presença feminina na educação, mais precisamente nos anos iniciais da escolarização foi se tornando uma realidade, aumentando, ano após ano o número de mulheres exercendo o magistério. Em contrapartida, a presença masculina foi se tornando esporádica, decorrente dos baixos salários e das condições ruins de trabalho. Os homens acabaram se afastando da regência das salas, sobretudo nos níveis menores de escolarização, aqueles dedicados a pequena infância, os quais apresentam remuneração menor, procurando outros postos de trabalho ou áreas da educação que ofereciam maiores remunerações, como a docência do ensino superior. Monteiro (2014) afirma que nos dias atuais esta tendência ainda pode ser verificada, visto que:

[...] quanto menor a idade da criança atendida, menor a participação masculina na docência e menor a remuneração dos profissionais na área. Enquanto na educação superior a presença masculina e os salários pagos são os mais elevados na área da docência, a educação infantil é a etapa com a menor presença de homens e com os menores salários. (MONTEIRO, 2014, p. 3).

Foi assim que a educação de crianças, dentro e fora do lar se configurou ao longo dos anos como uma responsabilidade feminina e o magistério tornou-se para a mulher sua oportunidade e porta de entrada para o mercado de

trabalho. Louro (1999) ressalta que a afinidade da mulher com a docência da infância é muito mais uma representação social enraizada no ideário popular do que uma situação biológica. Embora tal crença tenha, para muitos, se constituído como uma verdade absoluta, inclusive no meio educacional. Dando continuidade a discussão, apresentamos o item homens no magistério dos anos iniciais.

2.2 Homens no magistério dos anos iniciais: interações e desencontros do ser homem

As pretensões profissionais das crianças passam por segregações sociais, inclusive acontece das próprias crianças supervisionarem as outras e fazerem pressão sobre quem não se comporta de acordo com os modelos supostamente apropriados para cada gênero. Quando os garotos, por exemplo, demonstram interesse por atividades atribuídas ao gênero feminino, sofrem maior reprovação e, decorrente desta censura social poucos homens aventuram-se por carreiras avaliadas como femininas. As mulheres, por sua vez, são afrontadas com rótulos negativos quando exercem profissões vistas como inadequadas para a figura feminina e são pressionadas a defender sua opção profissional; apesar disso, quando contrariam os modelos padrões não põem em questão a integridade de suas características ou a sua identidade sexual, como regularmente ocorre com os homens.

A homofobia não se direciona somente aos homossexuais, mas a qualquer pessoa que apresente determinada qualidade, que tradicionalmente, se aplica ao sexo oposto. Assim sendo, a convivência social é marcada pela hierarquia das relações entre homens e mulheres e causa a homofobia, que por sua vez, através de ameaças, tenta fazer com que homens e mulheres se encaixem sobre os esquemas supostamente normais da virilidade. Welzer-Lang (2001, p. 465) considera a homofobia como: “a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero”.

Entende-se que em uma sociedade predominantemente machista, ter qualidades sedimentadas como femininas, como paciência, cuidado e doçura para trabalhar com crianças, pode levar a estereótipos, ocasionando questionamentos quanto a sexualidade por parte daqueles que se aventuram por profissões dedicadas ao cuidado da infância, como é o caso da docência.

Decorrente desta tradição que vê a mulher como a mais adequada a educação da infância, o exercício de professores homens nessa etapa pode ocasionar preocupação por parte dos pais com a integridade física das crianças, alimentada pelos velhos preconceitos de que estes professores podem ser potenciais pedófilos. Sayão (2005) explica que as dificuldades relativas à cultura institucional ordenam posturas dos professores, pois: “[...] o corpo masculino considerado sexualmente ativo deve ser privado de contatos mais próximos com as crianças. Poucos profissionais conseguem ultrapassar tais dificuldades. Muitos preferem aderir à cultura institucional” (SAYÃO, 2005, p. 261).

É possível considerar que o receio de enfrentar preconceitos, na maioria das vezes, desencadeia uma precaução que leva ao afastamento do professor

do gênero masculino de atividades voltadas diretamente à educação das crianças. Quando praticado por homens, muitas vezes, um gesto comum de demonstração de afeto na sala de aula pode ser mal interpretado pela comunidade escolar, gerando sérios transtornos para aquele profissional. Assim, se coloca como a escolha mais sadia, evitar contatos físicos com os pequenos, ou melhor, desenvolver o magistério nos níveis de escolarização mais elevados, que lidam com jovens ou adultos. Felipe (2006) destaca que:

[...] campanhas em torno do combate à violência/abuso sexual e a uma ampla divulgação na mídia envolvendo padres, médicos, educadores, artistas e outros acusados de pedofilia, têm levado a mudanças de comportamento e a um certo pânico moral, através de um monitoramento de possíveis ações que antes pareciam tão inofensivas, mas que hoje podem ser interpretadas ou mesmo confundidas como nocivas às crianças (FELIPE, 2006, p. 214).

Este é um sério problema vivenciado pelos professores homens que ousam continuar desenvolvendo a docência em salas de aula de educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Na perspectiva do autor acima mencionado, este pânico moral tem levado muitos profissionais, no campo da educação a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos ou relacionados como possíveis pedófilos.

Nessas circunstâncias, os professores homens acabam se comportando de forma fria ou distante das crianças com medo de terem suas atitudes compreendidas como nocivas e prejudiciais a integridade moral da criança. Logo “para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos” (FELIPE, 2006, p. 214). Além da gestualidade, do físico e das características rotineiramente agregadas às mulheres, o próprio fato destes professores estarem em uma profissão socialmente rotulada como feminina, com a necessidade de atributos ditos femininos para exercer a profissão, é alvo de homofobia.

Como podemos perceber, os preconceitos são socialmente construídos e recaem de forma mais intensa sobre os homens que se propõem a exercer profissões apontadas como femininas, tendo em vista a legitimação histórica do homem como dominador em uma sociedade patriarcal. As mulheres, de forma mais sutil do que os homens, também sofrem com tais estereótipos quando decidem fazer o caminho inverso, ou seja, quando se enveredam em profissões vistas como não naturais para seu gênero. O ideário de que os homens não possuem as habilidades adequadas para realizar um trabalho de qualidade na docência com crianças, leva a várias formas de exclusão, e pode culminar até no embaraço de evitar contratá-los devido ao seu gênero.

Outra forte vertente que afeta os professores homens que atuam nos anos iniciais é o baixo salário, uma vez que na nossa sociedade os homens são compreendidos como os chefes e provedores da família, logo não carecem investir em uma profissão com lucros tão medíocres, prejudicando assim sua estrutura familiar. Pincinato (2004) relata que, entre os anos 1950 e 1980, os

homens na docência do estado de São Paulo encararam obstáculos porque a tarefa ganhou estigmas femininos, por motivos como, desvalorização social, a baixa remuneração e a existência da concepção de que as pessoas que optavam por esta área é porque não tiveram aptidão para adentrar em ocupações mais apreciadas.

Talvez seja a escola que não deu conta de acompanhar a transformação do mundo e que continua com seus alicerces plantados sobre a modernidade que hoje se encontra em crise. Talvez a escola não tenha conseguido acompanhar as necessidades de formação de educadores que hoje trabalham com alunos que não buscam a escola somente como elo com o mundo ou simplesmente como fonte de conhecimentos, mas que buscam viver num mundo no qual a escola seja capaz de oferecer suporte e subsídios para sua existência.

Neste sentido, a escola na atualidade precisa estar mais aberta às mudanças sociais, culturais e tecnológicas que a humanidade atravessa, acolhendo as diversidades humanas em seu espaço e currículo, a fim de construir uma educação mais democrática que conscientize seus alunos a respeitarem e conhecerem melhor as diferenças e igualdades dos indivíduos. No item a seguir, apresentamos a metodologia adotada nesse estudo.

3. Metodologia

A natureza desta pesquisa é categorizada como uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de suas variáveis. Apesar de mantermos o foco nos dados qualitativos, fez-se necessário um levantamento numérico, junto as redes municipal e estadual da quantidade de professores do gênero masculino que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, realizando uma comparação com a quantidade de mulheres também inseridas na mesma etapa de ensino.

Quanto aos objetivos da pesquisa é descritiva, uma vez que procura compreender a realidade enfrentada pelos professores do gênero masculino nos anos iniciais no município de Cruzeiro do Sul. Esse tipo de pesquisa, procura apresentar um fenômeno ou situação com detalhes, com foco no que está acontecendo, permitindo envolver com precisão, as particularidades de um indivíduo, uma situação ou um grupo, como também descobrir a relação entre os acontecimentos.

No tocante aos procedimentos técnicos, realizamos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, por consideramos os procedimentos mais adequados para o desenvolvimento deste estudo. A pesquisa bibliográfica foi no âmbito deste trabalho, realizada por meio de livros, artigos, teses, monografias que abordam a temática. Severino (2007) afirma que:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Este procedimento configura-se assim, como uma importante ferramenta para embasar teoricamente o estudo em questão, sendo que através da pesquisa bibliográfica podemos refletir sobre o trabalho docente no Brasil, a trajetória histórica dos professores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental e as mudanças vivenciadas no magistério, decorrentes de fenômenos como a feminização da docência.

Coletamos dados junto a Secretaria de Educação Estadual e Municipal e com base nos dados coletados, selecionamos as duas escolas da zona urbana do município de Cruzeiro do Sul que possuem o maior quantitativo de professores homens em seu quadro docente. As escolas selecionadas foram a Escola M. de A. T. da rede Estadual com 02 professores homens e 07 mulheres e a Escola R. B. da rede municipal com 03 docentes masculinos e 07 femininos. Estes 05 homens lotados nas duas escolas selecionadas, foram escolhidos como sujeitos de nossa pesquisa, sendo submetidos a responderem um questionário semiaberto. Este questionário apresentou questões elaboradas com foco no exercício da profissão docente e as supostas dificuldades de aceitação do trabalho pedagógico desenvolvido pelo gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Cruzeiro do Sul. Tal instrumento, na perspectiva de Marconi e Lakatos (2012) possui várias vantagens como aquisição de respostas mais rápidas e mais precisas, maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato, apresentando menor risco de distorção, pela não influência do pesquisador. Além de oferecer ao participante mais tempo para responder e em hora mais cômoda, sem pressão por parte do pesquisador.

Para o registro dos dados coletados, fizemos uso do roteiro do questionário. No que diz respeito à interpretação e análise dos dados, optamos por proceder numa análise descritiva, direcionando-nos com base nos autores utilizados no referencial teórico deste trabalho. Este referencial nos ajudou na compreensão e análise dos dados coletados através dos questionários.

Estes instrumentos nos permitiram compreender um pouco mais sobre o trabalho do professor homem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, verificando se os mesmos enfrentam preconceito em seu cotidiano profissional, o que lhes motivou ao exercício docente nesta etapa de ensino, suas pretensões profissionais, entre outros aspectos. Os autores que serviram de base para analisarmos os dados, nos possibilitaram construir uma visão mais ampla sobre a temática, descrevendo-a de forma detalhada, o que nos levou a melhor

compreensão do nosso objeto de estudo. A seguir apresentamos os dados e análises resultantes deste estudo.

4. Resultados e discussões

Em um primeiro momento, procuramos buscar o quantitativo de professores do gênero masculino que exercem a profissão nos anos iniciais, ao mesmo tempo em que também nos preocupamos em saber quantas professoras exercem a profissão, fazendo assim uma comparação destes dados. Pudemos constatar que na SEE, no ano de 2018 existiam 98 professores exercendo a profissão nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na zona urbana do município de Cruzeiro do Sul, tendo apenas 6 professores do sexo masculino, em comparação com as 92 professoras da rede.

Notamos que na zona rural, nos anos iniciais - modalidade multisseriada, tinha um quantitativo de 39 professores contratados pela SEE, destes 14 eram homens e 25 mulheres. Ou seja, na zona rural, o número de professores homens era relativamente maior do que na zona urbana. Quanto aos dados relativos à Secretaria Municipal de Educação, pudemos perceber que na zona urbana havia 168 professores contratados, sendo que 152 eram mulheres e apenas 16 homens.

Por fim, a SEMED possuía, na zona rural – na modalidade de ensino multisseriado, um total de 146 professores, divididos entre 102 mulheres e 45 homens. Na SEMED, a exemplo da SEE o número de professores homens que atuavam na zona rural era significativamente maior do que o número de homens lotados na zona urbana. Infelizmente, nosso estudo não deu conta de descobrir o motivo dessa discrepância em relação ao número de professores homens que trabalhavam na zona rural e na zona urbana. O que sabemos é que os dados demonstraram uma preferência dos homens pela zona rural e pela modalidade multisseriada. Mas os motivos de tal escolha exige um estudo mais detido, o que foge ao âmbito de nossa pretensão neste momento.

Na produção deste artigo, optamos por trabalhar com algumas falas diretas e outras indiretas dos sujeitos. Os questionários foram distribuídos e preenchidos pelos 05 professores homens das duas escolas selecionadas no ano de 2018. Foram organizadas 08 questões que versavam sobre o trabalho que estes professores homens desenvolviam em suas salas de aula, buscando conhecer melhor a prática docente destes profissionais. Os 05 professores foram identificados com as iniciais de sujeito participante/ S. P, enumerados de 01 a 05. De acordo com as informações coletadas, destacamos que no momento da pesquisa, todos os professores eram casados, possuíam entre 28 e 40 anos e lecionavam no turno matutino. Quanto ao tempo de magistério apresentavam entre 07 e 17 anos. No que se refere à formação todos possuíam curso superior, sendo que 01 fez Educação Física e cursava o 7º período de Pedagogia, 02 eram licenciados em Pedagogia e 02 em Letras Português. Apenas 02 possuíam especialização, 01 na área de Matemática e outro na área de História e Geografia. 04 dos professores fizeram sua formação na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta e apenas 01 na Unopar. Inicialmente, foi perguntado aos

professores sobre os motivos de sua escolha por trabalhar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 03 professores responderam que foi por falta de outras opções no mercado de trabalho. Significa que estes professores não se identificam com a profissão, mas optaram por nela atuarem por falta de possibilidades mais promissoras no mercado de trabalho. Na opinião dos demais, a escolha da profissão seu deu por uma questão de vocação. O que nos deixa antever que a ideia de magistério como vocação continua impregnada nos valores culturais, especialmente dos professores, que ainda compreendem que ser professor é uma espécie de sacerdócio.

Lopes e Galvão (2001, p. 28) afirmam que “a área da educação, como vem mostrando alguns trabalhos realizados nos últimos anos têm se revelada profundamente impregnada de um etos religioso”. Nessas circunstâncias, “o discurso sobre o professor e a professora, repetido ao longo dos séculos, tem insistido no caráter missionário de que a profissão se reveste ou deveria se revestir”. Ou seja, para boa parte das pessoas, quem labuta pela educação, deve ser vocacionado e apresentar uma postura abnegada a ponto de abrir mão das questões salariais numa tendência salvacionista da educação e da sociedade.

Ao serem questionados se concordam que a mulher tem mais facilidade no desempenho do magistério dos anos iniciais e se sim, a que atribuem esta facilidade, 03 dos sujeitos afirmaram que homens e mulheres estão em condições de igualdade, uma vez que “tanto o homem quanto a mulher, pode desenvolver um belo trabalho no magistério de séries iniciais” e dependendo “de sua formação, o homem pode se tornar um bom alfabetizador” (S. P. 01). Independente do gênero, qualquer professor pode realizar os mesmos trabalhos em sala, uma vez que o que vai habilitá-lo no desempenho de sua tarefa pedagógica não é o gênero ao qual pertence, mas a formação que recebeu para tal. Neste sentido ainda, outro sujeito respondeu que não depende do gênero, mas sim da vocação da pessoa.

Porém, esta percepção de que homens e mulheres têm a mesma facilidade ou afinidade no desempenho do magistério de anos iniciais do Ensino Fundamental não é unânime entre os sujeitos da pesquisa. Na direção oposta as argumentações até agora explicitadas, para S. P. 03 as mulheres têm mais facilidade em lidar com crianças. Ou seja, para este professor o que difere o trabalho do homem e da mulher nesta etapa é o fato da mulher saber lidar melhor com as crianças. Esta ideia, de cunho machista, é compartilhada por muitas pessoas para as quais a tarefa de educar crianças pequenas, ainda se mistura com a tarefa de cuidar e, portanto é melhor realizada pelo gênero feminino. Almeida (1998, p. 82) afirma que para as mulheres “o exercício do magistério representava um prolongamento das funções maternas”, ou seja, “instruir e educar crianças era considerado não somente aceitável para as mulheres, como era também a profissão ideal em vista destas possuírem moral ilibada, sendo pacientes, bondosas e indulgentes para lidar com os alunos”.

Ainda sobre esta questão da afinidade do homem com o magistério, encontramos um terceiro grupo de opinião, caracterizada pela fala de S. P. 05

que ressaltou que as mulheres em parte tem mais facilidade, mas depende da turma/ano em que vai atuar, ou seja, para este educador, há subdivisões entre os dois primeiros anos e os dois últimos, sendo que apenas para os primeiros, a figura feminina se faz necessária. Nesse sentido, justificou sua resposta afirmando que: “No 1º e 2º ano as mulheres tem mais facilidade no desempenho do magistério dos anos iniciais pelo fato da criança pequena ainda está muito ligada à mãe, a casa, sendo assim a mulher faz o papel da mãe melhor que o professor homem”. Para o professor, nas outras séries não ver “problema nenhum em ser homem e lecionar para crianças” (S. P. 05).

As questões de divisão de papéis relativas ao gênero são apontadas por Teixeira (2010, p. 84) como pseudocientíficas e que por vezes podem inclusive se constituir como construtos religiosos. Embora não tenha nada científico que justifique que em determinadas idades a criança é melhor cuidada e educada pelas mulheres, esta visão perdura denotando uma predisposição feminina para cuidar da criança pequena, como demonstrou a fala de S. P. 05. Segundo Teixeira (2010, p. 39), a escola perpetua práticas conservadoras e tradicionalistas quanto ao gênero e quando, em raros momentos, se apela para um discurso em defesa da igualdade entre homens e mulheres, “a existência de homens-professores é aceita desde que detenham características femininas identificadas nas professoras: amabilidade, afeto, cuidado”.

Quando perguntamos se encontraram dificuldades em trabalhar com os anos iniciais e a que atribuem tais situações, apenas 01 professor evidenciou apresentar certas dificuldades, mas justificou na “falta de concentração nas atividades por parte dos alunos que apresentam poucas capacidades e habilidades para o ano escolar em que se encontram” (S. P. 04). Os demais pontuaram que não sentem dificuldades, sendo que um deles revelou que, pelo contrário “trabalhar em sala de aula é muito gratificante, porque você pode ajudar uma criança a ler e escrever” (S. P. 01). O sujeito S. P. 02 justificou a ausência de dificuldade, ressaltando a importância da formação docente na garantia do sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, pontuou “que para trabalhar, nós profissionais, recebemos formações para se especializar na área, por essa razão não tenho tanta dificuldade”.

A formação docente se faz na direção de trocas de saberes, pois o professor não aprende para si mesmo, mas para compartilhar e, através desta relação social de socialização do que aprendeu, passa a agregar novos valores na sua prática pedagógica. Na visão de um dos professores, a ausência de dificuldade se deve ao fato de se relacionar muito bem com os seus alunos e existir, o respeito mútuo entre eles. Desse modo, destacamos que na visão da maioria dos sujeitos da pesquisa, o fato de ser homem não lhe coloca em desvantagem em relação à mulher e, que no desempenho de suas funções docentes, não encontram dificuldades para desenvolver o ofício. O único professor que reconheceu encontrar algum obstáculo no desempenho docente, atribuiu tal situação a uma variante alheia a ele mesmo, ou seja, aos alunos que se apresentavam em nível de conhecimento inferior aos requeridos para o ano letivo em que se encontram.

Ao serem questionados sobre sua realização enquanto profissionais da área, apenas 02 responderam que não são realizados na profissão e justificaram seu descontentamento por meio de aspectos diversos. O professor S. P. 04 diz encontrar “falta de apoio por parte das secretárias, pais e/ou responsáveis”. Já S. P. 01 afirmou que “ser educador não é uma tarefa fácil”, que até gosta da profissão, “mas não se sente realizado por conta da desvalorização da mesma”.

Sobre a questão da desvalorização docente, Libâneo (2007) alerta para muitos declínios que atravessam a profissão, principalmente para professores em início de carreira, tais como os baixos salários, a precariedade na formação teórico-prática, as deficientes condições de trabalho e outros. Assim ressalta que a “desprofissionalização afeta diretamente o status social da profissão em decorrência dos baixos salários, precária formação teórico-prática, falta de carreira, deficientes condições de trabalho”. De acordo com o autor, “com o descrédito da profissão, as consequências são inevitáveis: abandono de sala de aula em busca de outro trabalho, redução da procura dos cursos de licenciatura [...]” (LIBÂNEO, 2007, p. 90).

Quanto aos que responderam afirmativamente, atribuíram tal realização “no progresso e avanço dos alunos, quando se percebe que seu trabalho teve êxito”. Desse modo, se vê “o retorno da dedicação” do professor (S. P. 05). Na visão de S. P. 03, inicialmente enfrentou dificuldades, pois se tratava do seu primeiro ano como professor, mas que atualmente se sente realizado em trabalhar com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Ainda sobre esta questão S. P. 02, contrariando alguns de seus colegas de profissão, atribuiu sua realização profissional exatamente ao apoio pedagógico que recebe para atuar como professor. O apoio pedagógico e a formação continuada oferecida pelas secretarias de educação se constituem como uma ferramenta importante para que o professor se sinta seguro no desempenho de suas funções pedagógicas. Desse modo, para Libâneo (2007, p. 77), “O professorado, diante das novas realidades e da complexidade de saberes envolvidos presentemente na sua formação profissional, precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacidade operativa nas exigências da profissão”. Mas além disso, necessita de “propósitos éticos para lidar com a diversidade cultural e a diferença, além, obviamente, da indispensável correção nos salários, nas condições de trabalho e de exercício profissional”.

Quando questionamos sobre os critérios adotados para sua lotação nos anos iniciais do Ensino Fundamental, todos responderam que a prioridade na lotação foi a aprovação em processo seletivo. Sobre esta questão, gostaríamos de citar o Trabalho de Conclusão de Curso de Moura (2017), sobre a presença dos homens na educação infantil. O estudo mostrou, por meio de uma pesquisa de campo, que existe uma prioridade das secretarias de educação em lotar mulheres para trabalharem na educação infantil.

Em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental esta prioridade não foi verificada, uma vez que os professores demonstraram que o único critério que determina a lotação do profissional para esta modalidade de ensino é o fato

de ter sido aprovado em concurso público ou processo seletivo, conforme estabelecido pela gestão pública.

Outro ponto que precisamos destacar é que, embora os autores utilizados na fundamentação teórica do trabalho tenham apontado que os homens tendem a abandonar a profissão docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental decorrente da desvalorização da profissão, os sujeitos da pesquisa apontaram um sentido contrário a esta situação. Ao serem questionados se pretendem continuar atuando nos anos iniciais ou desejam atuar em outra modalidade, todos responderam que pretendem permanecer, inclusive aqueles que disseram não sentir-se realizados com a profissão e não terem apoio da comunidade escolar no desempenho de sua função.

O professor denominado de S. P. 01 afirmou que está se preparando cada vez mais profissionalmente, por isso pretende continuar na mesma modalidade, até mesmo pela falta de outras opções no mercado de trabalho. Nessa mesma direção, o S. P. 03 pontuou que pretende continuar trabalhando nesta modalidade de ensino, pois acha que o público infantil é bem melhor de se trabalhar, pelo fato de apresentar mais respeito por parte dos educandos. O participante S. P. 05 ressaltou que não ver problemas quanto à etapa de ensino, e que inclusive, tem experiência com o fundamental II (6º ao 9º ano), quando lecionou em outra escola. Para este professor, “independentemente da modalidade, o professor deve estar sempre estudando e pesquisando para realizar um bom trabalho”. Assim, destacamos a importância do estudo e da pesquisa na formação e atuação dos professores. Mello e Basso (2002, p. 297) afirmam que as ações voltadas à formação precisam proporcionar “aos professores os espaços necessários para a reflexão e apropriação das atitudes mais intencionais em suas aulas, bem como o desenvolvimento de ações na esfera não cotidiana”.

O professor S. P. 04 afirmou que pretende continuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental por se encontrar na sua área de formação. Quanto a S. P. 02, foi o único que pretende continuar atuando nesta modalidade, mas confessou que também poderia atuar em outras etapas. Segundo Sarmiento (2002, p. 11) os motivos da escolha da profissão são, na maioria das vezes, os mesmos para homens e mulheres, isto é, “[...] as razões apontadas pelos educadores são do mesmo teor das razões apresentadas pelas educadoras, ou seja, o gosto em trabalhar com crianças”.

Para os sujeitos da pesquisa, o trabalho que realizam em sala de aula fez com que mudassem a visão que tinham sobre o magistério no Ensino Fundamental. Nesse caminho, o S. P. 01 ressaltou que através da educação escolar é possível direcionar as crianças. S. P. 02 assegurou que “antes os professores só trabalhavam o tradicionalismo, e hoje nós somos incentivados a trabalhar de forma diferente, com formas dinâmicas, aprendendo brincando”. Quanto ao S. P. 03, ele respondeu que sua opção por trabalhar nesta modalidade de ensino se deu por “ser mais difícil trabalhar nos anos iniciais”, mas “depois do envolvimento com as crianças” passou a gostar delas, e isto de alguma forma facilitou o seu trabalho. Quanto ao S. P. 05, ele expôs que “os alunos das séries

iniciais são mais respeitosos, tem o professor como exemplo. E são verdadeiros, quando gostam, gostam mesmo". Sobre estas questões, encontramos contribuições em Silveira (1995, p. 27) que afirma: "A função específica do educador é educar, isto é, garantir aos alunos a apropriação do saber [...]" E "de posse desse saber [...] os alunos poderão desenvolver uma compreensão mais rigorosa e crítica da realidade em que vivem e, conseqüentemente, agir de forma mais consciente e eficaz para transformá-la".

Por fim, perguntamos se os professores notaram resistência de algum membro da comunidade interna, da equipe gestora ou dos colegas de trabalho em ter um professor do gênero masculino lecionando para crianças, e a que atribuem esta resistência. E todos foram consonantes em responder que não encontraram resistência e atribuíram esta boa aceitação a motivos variados. O docente S. P. 02, por exemplo, relaciona isto ao fato de os pais não comparecerem no ambiente escolar. Já o S. P. 03 afirmou que foi "bem recebido por toda a comunidade escolar e durante o ano letivo não houve nenhum preconceito ou resistência por parte dos familiares dos educandos". O docente S. P. 05, concordando com seus colegas ressaltou que: "pelo contrário, as crianças demonstram um interesse muito grande em estudar com professor homem, já que nos primeiros anos as professoras são mulheres".

Gonçalves (2009, p. 13) reforça que: "[...] especialmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, são poucos os homens que atuam como docentes". Para a autora, a "própria sociedade talvez não tenha tanta facilidade em aceitar muitos homens trabalhando com crianças, devido às representações predominantes de que as mulheres é que têm maiores habilidades para desenvolver o trabalho educativo". Embora alguns autores utilizados na fundamentação teórica apontem para a existência de preconceito com os professores homens no ambiente escolar, os sujeitos dessa pesquisa contrapõem-se a esta afirmação, ressaltando que nunca identificaram este tipo de situação na escola.

5. Considerações finais

Discutir sobre o homem no magistério dos anos iniciais da escolarização, certamente é mergulhar em um tema ainda pouco explorado e, por conseguinte, significa refletir sobre uma temática complexa e que demanda a realização de mais estudos que nos ajudem a desvendar o cotidiano destes profissionais que se embrenham pelas salas de aula desse imenso país.

Com a presente investigação notamos que todos os professores ouvidos, afirmaram não encontrar nenhum preconceito ou resistência da comunidade escolar com o professor homem lecionando para crianças pequenas. Ainda assim, existem concepções arraigadas socialmente que consideram a mulher mais indicada para lecionar para crianças pequenas. Por estas concepções é que, teoricamente, muitos homens preferem procurar espaço profissional em outras áreas. Quando optam pela educação, boa parte deles prefere se dedicar ao desempenho de funções de administração escolar, evitando o contato direto com as crianças pequenas.

No entanto, foi possível verificar através dos questionários aplicados aos 5 professores homens atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública do município de Cruzeiro do Sul no Acre que os professores desempenham harmonicamente a profissão de docente, contrariando pesquisas que apontam para a incidência de discriminação contra estes professores, simplesmente por serem homens.

Os professores homens ouvidos durante a coleta de dados, demonstraram que a sociedade realmente está mais aberta para compreender que não existem profissões destinadas a homens ou a mulheres, muito embora saibamos que algumas profissões ficaram marcadas por um viés histórico e cultural de predominância de um dos sexos no exercício das mesmas. Desse modo, podemos dizer que não é o gênero do profissional que vai definir seu sucesso ou fracasso em determinada área, mas sim sua competência e habilidade.

A este respeito, a grande maioria dos professores demonstrou não encontrar maiores dificuldades no desempenho da função no magistério dos anos iniciais, pelo contrário, ressaltaram que as formações continuadas que recebem por parte das secretarias de educação os ajudam em seu cotidiano profissional. Estes professores procuram desconstruir a visão de que homens não sabem lidar com crianças pequenas, a medida que educam seus alunos com o mesmo afinho que a mulher. Neste sentido, os professores apontaram ainda para o bom relacionamento que mantem com as crianças e com a comunidade escolar, sobretudo com os pais dos alunos, não havendo assim, diferenças quanto à forma que lhes tratam em detrimento do seu gênero.

A pesquisa evidenciou um fato que merece ser melhor investigado em futuros trabalhos acadêmicos voltados para a região, a existência de poucos docentes homens lotados nos anos iniciais da zona urbana do município, tanto pela SEE como pela SEMED. Porém há um quantitativo, relativamente maior de professores homens na docência da zona rural, caracterizada pelo ensino multisseriado. Por que este fenômeno vem ocorrendo no município de Cruzeiro do Sul? O que estes dados quantitativos nos dizem sobre a atuação dos professores homens no meio urbano e rural? Estas questões demonstram que este tema não se esgota no âmbito deste trabalho, ao contrário, as temáticas ligadas ao homem no magistério demandam novas reflexões e novos estudos que nos ajudem a compreender mais profundamente a dinâmica de lotação e de atuação destes profissionais e seu cotidiano nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BEZERRA, Maria Irinilda. **A Escola Normal Regional de Cruzeiro do Sul: tecendo memórias e histórias sobre a formação religiosa católica**



alemã na Amazônia acriana (1947-1965). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2010.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf> Acesso em: 25 ago. 2021.

GONÇALVES, Josiane Peres. O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério. 2009. 232 f. **Tese de Doutorado em Educação** – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

HAHNER, June. Escolas Mistas, Escolas Normais: A coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 467-474, maio/ago. 2011. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a10.pdf> Acesso em 19/08/2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus escola?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LOPES, Eliane Marta; GALVÃO Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MELLO, Maria Aparecida; BASSO, Itacy Salgado. Formação continuada de professores de Educação Infantil na perspectiva histórico-cultural. In: REALI, Aline Maria; MIZUKAMI, Maria da Graça (orgs) **Formação de professores, Prática pedagógicas e Escola**. São Carlos: EduFScar, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Erva Maria. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil**. 2014. 152 f. Dissertação de Mestrado em Educação Física e Sociedade. Universidade Estadual de Campinas/ UEC. São Paulo, 2014.

PINCINATO, Daiane Antunes. **História do magistério:** experiências masculinas na carreira administrativa no Estado de São Paulo (1950-1980). Reunião Da Associação Nacional De Pós-Graduação e Pesquisa Em Educação, 2004, Caxambu. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: AnPED, 2004.



ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 96, p. 58-65, fev. 1996.

SAYÃO, Deborah Tomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. Tese (Doutorado) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Renê José Trentin. O professor e a transformação da realidade. **Nuances** - Revista do Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências e Tecnologia- UNESP, Presidente Prudente, v. 1, n. 1, p. 21-30, set. 1995.

TEIXEIRA, Adla Betsaida. Gênero e formação docente "Magistério" do gênero: impactos da vida de discentes e docentes. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Orgs). **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010, p. 35-50.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-481, jul./dez. 2001.

Recebido em: 08 de novembro de 2021.
Aceito em: 22 de abril de 2022.
Publicado em: 27 de maio de 2022.